

Universidade Federal da Bahia

Faculdade de Comunicação

Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo

Crítica literária no jornalismo baiano:

Uma pesquisa sobre o espaço que o

jornal impresso dedica aos

lançamentos editoriais

Por : Silvana Fonseca Silvany

2002.2

Sumário

Introdução	_____
O espaço que o jornalismo baiano dedica a crítica literária	_____
Porque o espaço é limitado?	_____
A crítica vai desaparecer ?	_____
Algumas monografias na área da crítica	_____
Conceito e transição histórica da crítica para a resenha	_____
Crítica como gênero opinativo	_____
A diferenças entre a crítica e a resenha e algumas definições	_____
Machado de Assis – o crítico ideal	_____
O procedimento da crítica	_____
A influência da mídia sobre a literatura	_____
A diferenças entre crítica e resenha e algumas definições	_____
A influência da mídia sobre a literatura	_____
Considerações finais	_____

Introdução

A indústria editorial divulga seus produtos (livros) através do jornalismo, por intermédio de críticas e resenhas, ou seja, o objeto que será analisado nesta monografia, que compõe parte fundamental dos segundos cadernos dos jornais diários baianos dedicados à área de artes e os suplementos culturais semanais dos mesmos jornais.

Este trabalho tem como prioridade analisar o conteúdo das críticas e resenhas publicadas em jornais baianos, mas sem a pretensão de fazer uma crítica da crítica. O que pretendo é estudar teoricamente o conceito de crítica, meditar em alguns trabalhos que abordam o papel da crítica, estabelecer as diferenças entre crítica e a resenha, observar se a crítica elaborada pelos jornais locais está de acordo com os padrões clássicos de análise e julgamento de obras, distinguir através da coleta e leitura do material, quais textos possuem características da críticas ou da resenha, estudar o enquadramento da crítica literária como produto de consumo da indústria cultural, realizar algumas reflexões sobre a atual situação da crítica inserida no jornalismo cultural, comparando com o seu modo de produção do passado, enriquecendo assim a discussão sobre a prática e funções do jornalismo especializado em literatura. Por fim, pelo fato do trabalho estudar a área literária no campo do jornalismo, achei pertinente abrir mais um capítulo para analisar a forma como a literatura é influenciada pelos meios de comunicação.

A finalidade desta monografia também é responder alguns questionamentos sobre o papel desempenhado pela crítica literária. Estas perguntas constituíam uma lacuna nas minhas reflexões sobre jornalismo, por isso resolvi pesquisar o tema em meu projeto de final de curso. A motivação

principal também foi ter cursado a disciplina Comunicação e Cultura com a docente Nadja Miranda. E partir desse momento percebi que os assuntos discutidos durante as aulas formavam uma fonte rica de conhecimentos para minha formação acadêmica.

Através de uma atenta observação aos cadernos culturais dos jornais locais, uma das tarefas que fizeram parte da avaliação nesta disciplina, as primeiras impressões me levaram a supor que o espaço reservado a análise das obras literárias é limitado. Assim, decidi me deter na questão e, através da pesquisa proposta no Trabalho de Conclusão de Curso, verificar a dimensão do espaço e analisar de que forma os principais jornais de Salvador tratam o livro, enquanto um produto cultural.

A metodologia utilizada será a coleta, seleção e leitura do material jornalístico reservado a interpretação ou divulgação de obras literárias. A pesquisa será realizada durante um mês nos três principais jornais impressos baianos, que são o Caderno 2 e o caderno Cultural do jornal A Tarde, a Folha da Bahia, do Correio da Bahia, e o jornal Tribuna da Bahia.

Realizar este projeto exige um esforço de aprofundamento teórico e de investigação da prática da produção específica da crítica nas redações de jornais. A pesquisa certamente constituirá a minha primeira aproximação com a realidade das redações jornalísticas na medida em que vou em busca de respostas aos questionamentos sobre a atividade da crítica literária dentro do jornalismo cultural.

Assim, outro objetivo dessa monografia é descobrir qual o espaço ocupado pela análise do obras literárias na imprensa baiana, qual o perfil e a formação dos profissionais responsáveis pelas resenhas de livros, qual a área de especialização destes profissionais que fazem a cobertura sobre os lançamentos e reedições literárias, como esta cobertura se configura nos

cadernos culturais dos jornais e quais os critérios utilizados na crítica destas obras de arte.

Na realidade este esforço de análise do espaço dedicado a crítica literária numa sociedade industrial vem de uma curiosidade e inquietação pessoal com relação as trabalhos nesta área e uma necessidade de realizar uma pesquisa aprofundada sobre o fenômeno possibilitando assim uma reflexão crítica perpassada por conceitos.

Acredito que o papel da crítica literária na indústria cultural remete a quadros contextuais teóricos indispensáveis, por isso para realizar este projeto foi necessário partir de alguns conceitos de jornalismo cultural, teorias da comunicação de massa e teorias do jornalismo.

O espaço quantitativo que o jornalismo baiano dedica a crítica literária

Após pesquisar os cadernos dedicados a cultura dos três principais jornais baianos durante o mês de dezembro de 2002, pude ter uma visão mais objetiva sobre o espaço que estes jornais vem dedicando a análise de obras literárias e qual o tratamento que o jornal impresso oferece a esta forma de arte.

Em termos quantitativos, e destacando apenas o espaço reservado a críticas, resenhas e notas, o resultado foi o seguinte: o Correio da Bahia publicou no caderno Folha da Bahia 6 críticas de livros, 14 resenhas, e 56 notas sobre lançamentos do mercado editorial enquanto que o jornal A Tarde divulgou na seção Caderno 2 e no suplemento Cultural publicado apenas aos sábados, consegui coletar 16 resenhas, 6 críticas literárias e 32 notas sobre lançamentos. O jornal Tribuna da Bahia, por sua vez, que publica uma crônica aos domingos, abordou uma única vez o lançamento de dois livros.

Segue abaixo a lista do material pesquisado

Jornal Correio da Bahia – Caderno Folha da Bahia

Data	Título da Matéria	Livro	Classificação
02/12/02	Mistérios do mais famoso detetive da literatura	Enigmas de Beker Street	Resenha
03/12/02	O ícone do futebol globalizado	Ronaldo: Glória e drama no futebol globalizado	Resenha
04/12/02	O poeta, esse inútil	Da inutilidade da poesia	Crítica

05/12/02	Personagens que assombram o Brasil	Geografia dos mitos brasileiros	Crítica
	A escola que é uma aventura só	Lia e a sexta série / Márika e a sétima série / Chico, Edu e a oitava série	Resenha
09/12/02	Mais um pouco de prosa sobre a cidade da Bahia	O trancelim da baiana	Resenha
12/12/02	Crônicas para repensar nosso tempo	A casa das palavras	Resenha
15/12/02	É apenas rock'n'roll mas é ótimo	Rock and roll – Uma história social	Resenha
	De oito a cinco cabeças, a história dos Titãs	A vida até parece uma festa	Resenha
	Desventuras de um detetive amoral	A soma de todo (Parte 1 e 2)	Resenha
16/12/02	Elementar, caro leitor	Sherlok Holmes – Obra completa	Crítica
18/12/02	A ambiguidade de uma vampira transgressora	A última vampira	Crítica
	Perfil mitológico de um povo da selva	Os Kanamari da Amazônia	Resenha
19/12/02	Santuários da criação	O lugar do escritor	Resenha
20/12/02	A arte do reconhecimento	A pintura como arte	Crítica
23/12/02	O traço de Jener Augusto no verbo de notáveis	Jener Augusto – Desenhos	Resenha
26/12/02	O clássico de Verger	O mensageiro e Fotografias da Bahia	Crítica
26/12/02	Sinistra evolução da medicina	A assustadora história da medicina	Resenha
	As desventuras de uma simpática balzaquiana	Clara Hutt – uma vida de bandeja	Resenha
30/12/02	Cinderela nunca mais?	Complexo de Cinderella	Resenha

Jornal Correio da Bahia – Caderno Folha da Bahia – Seção Estante

Data	Livro	Classificação
05/12/02	A leitura / Iemanjá - A grande mãe africana / O sol dos morimbundos / Laços de encruzilhadas: ensaios transdisciplinares / Memórias do infortúnio / Os miseráveis / Se eu fosse aquilo e Ladrão que rouba ladrão / A troca / Momentos da vida / Além de um discurso de mudança na educação médica / Natureza e Ilustração – sobre o materialismo de Diderot / Gestão do desenvolvimento e poderes locais / Infância brasileira e contextos de desenvolvimento / Caminhos do Islã	Notas
12/12/02	Boca do tempo / Nefertit & Akhenaton-O casal solar / Vexame: os bastidores do FMI / O da em que a pracinha sumi / As leis do caos / A política no Divã / Um imenso português / A lei do rito sumaríssimo / A leitura rarefeita / Clara Hutt – Uma vida de bandeja / Ro acima mar abaixo / Decifrações de abismos / Via agora, envelheça depois / O livro perdido dos bruxos	Notas
19/12/02	Revista Cult / Coração do mar / Epistemologia e ensino de ciências / Proteção do capital social e ecológico / Sem – cerimônia / Laila & Majnun / Xerimbao / A cultura importa – Os valores que definem o progresso humano / História ilustrada da Grécia Antiga / Imagens da América – Ecoturismo e Aventura nos países de sangue quente / Quem somos? História da diversidade humana / A outra face – História de uma garota afegã / História da televisão brasileira / Comentários ao novo código civil /	

26/12/02	Histórico e relatório do comitê patriótico da Bahia / Num Marte pequenino / Mário Covas – O legado de uma repórter involuntária / Notícias do Mirandão / Sonho Verde – Aventuras num garimpo de esmeraldas / O crepúsculo do mundo / O superticioso / O maior dos presentes – A história do outro rei mago / Cão Zen / O evangelho segundo Pilatos / Biomecânica da coordenação motora / Do inventário a invenção / Dentro do espelho	Notas
----------	---	-------

Jornal A Tarde Caderno 2 e Suplemento Cultural

Data	Título da Matéria	Livro	Classificação
02/12/02	A Saga de Os Sertões	O Sertões	Crítica
05/12/02	Em busca da inocência	Visão Inocente	Resenha
	Jornalismo em pauta	A arte de fazer um jornal diário	Resenha
07/12/02	O vôo das utopias	A Aves	Crítica
08/12/02	Os Sertões e a Academia	História e Interpretação de Os Sertões	Resenha
09/12/02	Baiano em Nova York	O Caçador das Bolachas Perdidas	Resenha
10/12/02	Notícias de Clarice	Correspondências	Crítica
	Tabuleiro de Histórias	O Trancelin da Baiana	Resenha
	Debate Colonial	Sistema Colonial e Tráfico Negro	Resenha
12/12/02	Buquê de Versos	Poetas da Bahia	Resenha
14/12/02	Regionalismo nos primeiros escritos literários	Contos e crônicas: A Caipora, História como muitas, o presságio, a boiada	Resenha
17/12/02	Pool de Letras	Histórias-Minhas e Alheias / Escrito de Giz / A música liberta	Resenha
	A TV no Brasil	História da televisão brasileira	Resenha
18/12/02	O fogo dos enredosa	O fogo dos infernos	Resenha
19/12/02	O mapa da mina	Guia de Equipamentos Culturais	Resenha

21/12/02	Primeiro amor, último fantasma	Leonídia, A musa infeliz do poeta Castro Alves	Crítica
	Por vias transversais	Infância	Crítica
	Conflito de ambições	A morte do arco - íris	Crítica
24/12/02	Comédia natalina	Esquecer o Natal	Resenha
26/12/02	Salvador em estudo	Salvador: Transformações e Permanências	Resenha
26/12/02	Letras pós-modernas	Nas Malhas da Letra	Resenha
31/12/02	A minha alma é o túmulo profundo	Sonetos	Resenha

Jornal A Tarde – Suplemento Cultural

Data	Livro	Classificação
07/12/02	História da Televisão Brasileira / Das Fogueiras da inquisição às Terras do Brasil / Os Intelectuais na História da Infância / Ilíada de Homero / A Escola de Frankfurt / Da Inutilidade da Poesia / Topos (no.10) / Viva Agora, Envelheça Depois	Notas
14/12/02	O Caçador das Bolachas / A Leitura Rarefeita / Coração do Mar / Pequeno Manual de Inestética / Kadish-Por uma Criança não Nascida / Sobrevôo – lole de Freitas / Catsitters / Quem Somos?	Notas
21/12/02	O Fogo dos Infernos / Amanhã eu vou Dançar / Fotografia e Antropologia – Olhares Fora – Dentro / Serviço Social e Sociedade / A Leitura / Nefertiti e Akhenaton / Atlas Geográfico Melhoramentos / Brasil em Questão	Notas
28/12/02	História da Educação Brasileira – Leituras / Para uma Pessoa Bonita / Marketing Cultural e Financiamento da Cultura / Propagandas Silenciosas / Experiências de Filosofias Cotidianas / História das Cruzadas / O Livro da Lua 2003 / Serviço Social e organização da Cultura	Notas

Porque o espaço é limitado

Uma das explicações para a falta de espaço para uma cobertura completa da totalidade das obras literárias é pelo excesso de produtos – livros - que a indústria editorial coloca no mercado. Seria necessário dedicar um caderno diário e exclusivo para analisar de forma realmente crítica todos os lançamentos que a indústria editorial despeja no mercado diariamente, mas isso não é economicamente viável para o jornal. Hoje a máxima é “space is money” , traduzindo, espaço é dinheiro. Assim, um fato que despertou minha atenção foi a utilização frequente por parte dos jornais baianos de resumos ou notas sobre o conteúdo da obra, que acrescentam a ilustração da capa do livro, além de dados como o título, o autor (a), a editora e o preço. Esta estratégia visa economizar espaço, já que não é possível analisar as peculiaridades de cada livro em função da grande quantidade de produtos. No caso das notas sobre livros, o único objetivo é manter o leitor informado sobre as novidades e os lançamentos do universo literário, sem que exista uma preocupação em contextualizar o evento, mas apenas em publicizá-lo.

Busco compreender a falta de interesse por parte dos jornais em promover uma reflexão mais profunda sobre um produto cultural de fundamental importância. Uma das explicações parte de Affonso Romano. Ele

afirma que até a década de 70 os suplementos culturais tinham características, que vale a pena destacar: eram dirigidos por escritores e não por jornalistas e comunicólogos; publicavam poemas e contos; publicavam críticas e ensaios e não o que hoje se chama de resenhas; centravam-se sobretudo na literatura brasileira; apoiavam-se basicamente em textos e não abriam, como hoje, tanto espaço para fotos e ilustrações. (Sant'ana, Afonso de Romano: 2000)

O autor afirma que os suplementos até esse período tinham como função o debate, a exposição de idéias e a formação cultural. Ao longo do tempo os suplementos converteram-se em veículos de informação sobre o que está saindo no mercado editorial, razão pela qual os divulgadores e as editoras passaram a ter mais força nas suas pautas. Enfim, o jornalismo cultural inaugurou um novo tipo de suplemento que adota as chamadas resenhas praticadas pela imprensa americana.

É preciso para a sua própria sobrevivência como bem de consumo que os cadernos de cultura atendam as demandas do mercado da cultura de massa. Isso pode ser observado em todos os jornais locais. A linha editorial e o projeto gráfico ou formato dos jornais adquirem uma uniformidade que se evidencia hoje na totalidade dos cadernos culturais dos dois maiores periódicos baianos. Tornaram-se páginas de variedades, de cultura geral ao estilo almanaque, agendas de serviços e dicas de fim-de-semana, de leitura leve, de passatempos e resenhas breves dos produtos da grande indústria da cultura e do entretenimento. Os assuntos comentados, em geral, relacionam-se à vida ou obras de personalidades do “show-business”, de Hollywood ou da telenovela. O jornal de cultura passa a divulgar a televisão e o cinema comercial.

Outra explicação bastante pertinente para esta limitação de espaço parte do jornalista e historiador José Geraldo Couto, formado pela

Universidade de São Paulo. Ele explica que na atualidade o jornalismo cultural – aí inclui-se o jornalismo literário – atravessa uma profunda crise de identidade que está relacionada a dois fatores principais. Um seria a rápida transformação que vem acontecendo no mercado de produtos culturais aliada as modernas tecnologias introduzidas nos jornais do Brasil. Geraldo Couto acredita que neste novo ambiente criado com as mudanças não sobrou um espaço para o jornalismo cultural manifestar sua opinião. O outro sinal da crise, segundo ele, não é a falta de espaço físico para os assuntos culturais, mas a falta de publicações específicas para a programação de eventos culturais como fazem os jornais europeus e norte americanos, apesar de não editarem cadernos diários de artes e espetáculos. Para cobrir esta carência os jornais brasileiros dedicam um bom espaço ao chamado serviço ao leitor. Assim, grande parte dos segundos cadernos publicam uma extensa lista de eventos culturais. Isso resulta na substituição da crítica reflexiva e embasada em conhecimentos pela resenha do filme, disco, livro ou peça, onde o resenhista limita-se a informar uma sinopse seguida de uma opinião. De acordo com Jose Geraldo Couto “sacrifica-se desse modo, a análise abalizada da obra, de como ela utiliza a linguagem que lhe é própria para atingir determinados fins estéticos, éticos ou sociais”. (Couto : 1998 : pg 130) O sinal mais grave ainda para ele seria “o da capitulação dos *segundos cadernos* aos aspectos mais superficiais, frívolos e emburrecedores da indústria cultural, sobretudo da televisão”. (Couto, 1998; pg 130).

Geraldo Couto denuncia que o jornalismo cultural também mantém uma relação suspeita com os departamentos de *marketing* das empresas de cultura ou as promotoras de evento, assim ocorre o suborno de forma sutil e disfarçada. Segundo ele “a verdade é que a corrupção de modo muito mais sutil, às vezes quase imperceptível” (Couto ; 1998; pg. 130), u

seja, a mídia muitas vezes vende seu espaço quando gravadoras de disco o promotoras de eventos dão passagens para jornalistas irem entrevistar artistas do popstar.

Outro questionamento sobre o jornalismo cultural é o acúmulo das funções de repórter e crítico que cria uma ambiguidade entre o crítico e o produtor cultural que vai analisar a obra.

A última questão levantado por José Geraldo Couto é o problema da incompreensão dos editores ao avaliar o desempenho da cobertura cultural. Os critérios da avaliação não podem ser os mesmos – rapidez, quantidade de informações e furos – das outras editorias pois eliminam notícias de produtos culturais importantes pelo fato de já terem sido furos em jornais concorrentes.

Um debate sobre jornalismo cultural

Este capítulo tem um papel central para o entendimento a compreensão acerca do tratamento que o jornalismo atual vem dispensando a crítica de livros. Só estudando como funciona o processo de produção e publicização de informações na área cultural, poderemos ter visibilidade suficiente para compreender especificamente a situação do jornalismo literário.

O exercício do Jornalismo cultural tornou-se o tema principal de um ensaio da revista Bravo que propõe uma discussão livre inspirada em idéias, conceitos e iluminações de cinco profissionais da imprensa que tem algo importante a declarar sobre a ética na prática do jornalismo cultural.

Fizeram parte do debate os ensaístas Sérgio Augusto de Andrade, Olavo de Carvalho, Sérgio Augusto, Fernando de Barros e Silva, além do convidado especial Octávio Frias Filho que manifestou sua opinião sobre o tema em um comentário que procura descrever o modo com que o tema jornalismo cultural vem sendo tratado pela mídia e pelos intelectuais. Em sua análise Octávio Frias Filho enumera cinco fenômenos que influenciaram e transformaram o tratamento dado as informações divulgadas no jornalismo cultural.

O primeiro destes fenômenos, segundo Octávio seria a maior quantidade de coisas que passaram a integrar o conceito de cultura. De acordo com Octávio Frias há algumas décadas atrás o repertório das modalidades de cultura, dentre elas a literatura, o cinema e o teatro, era mais limitado. Atualmente as novas formas de produção cultural se expandiram quantitativamente e se desenvolveram de tal forma que é mais difícil cobrir uma área tão extensa e ampliada, pois “há simplesmente mais filmes, mais discos, mais livros e mais peças à disposição do público”. (Bravo, 2000 : 16)

Outro fenômeno é o desaparecimento de uma linguagem comum. No passado o jornalismo cultural era permeado por uma concepção de valor, servindo ora a um idealismo aristocrático de cultura, encerrado com a o regime político imposto a partir de 1964, ora a uma concepção oposta que defendia uma cultura popular, de massa e internacional. Hoje esses critérios não estão bem definidos, ou seja, “a ideologia do jornalismo cultural se tornou eclética e relativista, para não dizer errática” (Bravo, 2000: 16).

O aumento da heterogeneidade do público também é um fenômeno que contribuiu para distanciar o público “culto” da massa, voraz consumidora de entretenimento. Isso resulta numa universalização dos gostos (Madonna, Spielberg) nos meios sem especialização. Segundo Octávio Frias

“enquanto nos meios especializados a especialização atingiu extremos nunca vistos, há publicações para todos os gostos, todos os fã clubes e todas as manias”. (Bravo, 2000: 16)

Um quarto fenômeno foi a transformação da crítica em prestação de serviços. A função dos críticos deixou de ser analítica para tornar-se um aconselhamento para o público ir ou não assistir a determinado espetáculo, ler ou não determinado livro. A crítica em parceria com a publicidade detêm o poder de determinar o sucesso, o fracasso ou a indiferença do público em relação ao produto cultural. Alguns críticos preservam características da reflexão ensaística, embora na opinião de Octávio Frias tenha crescido “a distância entre a crítica midiática, de caráter utilitário, e a crítica intelectual, fechada no ambiente universitário”. (Bravo, 2000: 16)

Um último fenômeno observado por Octávio Frias é o de que “a cultura deixou de ser um processo sequencial”. Até o modernismo o negócio funcionava de forma que os movimentos artísticos e culturais tinham como objetivo superar e substituir um padrão historicamente estabelecido. Assim a produção artística de uma época visava desconstruir a visão vigente de uma vanguarda cultural, criticando seus valores e pregando uma ruptura com as regras impostas por esta corrente de pensamento. Em consequência deste fenômeno de rompimento com uma sequência lógica de estilos de época, foi que a arte tornou-se um modismo e uma coisa efêmera sem maiores pretensões provincianas. Antes acreditava-se que a arte tinha um sentido revolucionário, um papel social. Hoje a cultura tornou-se uma mercadoria comercializada em uma indústria que fez do cinema, da música, do teatro e da literatura, um negócio altamente lucrativo para os investidores e mecenas da arte.

Sérgio Augusto, também faz observações interessantes sobre o jornalismo cultural. Ele cita o exemplo do Caderno 2 do jornal O Estado de São Paulo, como um caso a parte na imprensa diária, e de longe o melhor de sua espécie, pois acredita na “força do texto”, e investe na “inteligência do leitor”, não receia deixar em segundo plano o jornalismo de agenda (cujas pautas são ditadas por eventos e lançamentos do dia e da semana) e não se entregou, como os demais, “ao frenesi do furo.” (Bravo: 2000, 17)

Ele explica que houve uma época em que cada segundo caderno tinha uma boa margem de pautas exclusivas e os melhores da espécie sabiam manter a indústria cultural no seu devido lugar. Sérgio Augusto sente saudades do tempo em que os jornais prezavam a diferença e desprezavam pautas exógenas. Nem tudo que estreava ou era lançado no mercado era assunto para reportagem nos dois principais diários cariocas (O Globo e Correio da Manhã).

Depois de um período todo mudou. Sérgio Augusto explica que foi a partir do surgimento da idéia de equalizar todas as seções do jornal, submetendo-as a um mesmo conjunto de regras, necessidades e urgências que inibiram a criatividade dos cadernos dedicados à cultura. Para Sérgio Augusto, conferir a cultura o mesmo status jornalístico da política e da economia, foi um avanço, embora tenham ocorrido algumas deformações ao longo do processo. A mais lamentável delas foi o culto ao furo, à exclusividade. A preocupação obsessiva dos editores é em dar a notícia antes que seja publicada pelo seu concorrente. De acordo com Sérgio Augusto esse *modus operandi* foi o grilhão que faltava para escravizar a imprensa à indústria cultural, fazendo desta e de seus intermediários os virtuais editores dos segundos cadernos, ao passo que eles (editores de livros, produtores de discos e shows, etc.) que, com a desculpa de que não querem privilegiar este ou

aquele veículo, determinam em que dia qual artefato cultural deve ser coberto ou resenhado pela mídia impressa.

Para se livrar do controle exercido pela indústria cultural os jornais desenvolveram o perverso hábito de retaliação, prejudicando os escritores e artistas em geral. Sérgio Augusto explica que se o jornal X consegue publicar a resenha de um livro ou uma reportagem sobre determinado evento na frente do jornal Y, este, ferido em seu orgulho, vai fatalmente boicotar o livro ou o evento em suas páginas. Ou não dando espaço aos dois, ou relegando a um canto do caderno. Mas Sérgio Augusto acredita que este comportamento é aético e antijornalístico.

O ensaio de Sérgio Augusto de Andrade é uma fonte interessante para enriquecer o debate sobre jornalismo cultural. Ele defende a idéia de que a cultura não é para muitos nem para amadores. Ele destaca que desde a antiguidade a cultura é um privilégio, e embora toda cultura seja de elite, nenhuma é mais elitizada que a cultura popular, que é um fenômeno com natureza e características próprias, esgotando – se em si mesma para a sociologia.

Sérgio Augusto também levanta o problema da “confusão entre a crítica e a descrição de eventos, a divagação sobre o entretenimento e a agenda de variedades.” (Bravo, 2000: 19). Ele defende que devem ser utilizados certos padrões e critérios, caso contrário o nosso jornalismo cultural corre o risco de agonizar com uma contradição em termos. Enfim, estamos condenados a um modelo duvidoso de jornalismo que não é nosso, não é bom e que tenta ser inteligente.

Em relação aos padrões que deveriam ser estabelecidos ele afirma que não se trata de distinguir o bom do ruim, mas o bom do excelente. O público não aprecia o melhor, mas acostumou-se com o moderno, o

elegante, o fotogênico. Sérgio Augusto é categórico quando afirma que “desaprendemos a distinguir o que é marketing do que é real; o que é truque do que é visceral; o que é um estrondo artificial do que é um murmúrio decisivo, nossa cultura crítica não parece equipada com músculos, mas com gravatas de borboleta”. (Bravo, 2000: 19).

Ele finaliza com a conclusão de que atualmente, consideramos como jornalismo cultural quando alguém opina sobre um livro que leu, avaliou e refletiu antes de comentar, mesmo que sua leitura, sua análise, sua avaliação sejam uma ofensa.

O ensaio de Olavo Carvalho trata da impossibilidade de se discutir-se idéias em um “ambiente de fanáticos”. O registro informativo deveria ser a primeira função do jornalismo de cultura, além de um lugar privilegiado para o debate cultural, mas Olavo de Carvalho observa que no Brasil este debate se tornou pura fraude. Ele afirma que “ desde que praticamente todos os canais de difusão foram monopolizados por um movimento político organizadíssimo, rico, financiado do exterior e empenhado em tudo por a serviço de sua ambição de poder ilimitado, cultura é o novo nome da propaganda (dizia Fernando Alves Cristóvão, crítico português) ” (Bravo, 2000: 20)

Olavo Carvalho defende a tese de que o debate cultural reduziu-se ao campo do fanatismo político, e questiona “Como é possível discutir idéias onde a ânsia de despertar artificialmente ódios políticos mediante uma retórica de hipérbolismos insanos já fez as pessoas perderem totalmente a medida da realidade, o senso das proporções, o senso do ridículo?” (Bravo, 2000 : 21) Ele explica que o debate cultural tornou-se impossível porque em vez de filósofos, escritores, professores, e homens da ciência, temos cabs eleitoras.

Assim, Olavo de Carvalho acredita que só restam três alternativas. A primeira delas seria ignorar o que se passa, a segunda seria aderir ao festival de estupidez, tomar carona no “trenzinho do apocalipse”, a terceira reagir enquanto é tempo.

O ensaio de Fernando de Barros e Silva propõe uma discussão sobre jornalismo cultural onde deve-se prestar atenção para fugir das ciladas. A primeira seria a dos que enxergam um cenário de terra arrasada, devido a competitividade e a diversidade de opções e de veículos que causariam um efeito de nivelar a cultura por baixo, ou pelo denominador comum da cultura massificada. A segunda consiste na tendência a um certo “espiritualismo”, que ele explica como “prática joje introjetada em muitos dos que se ocupam da cultura, como se fossem guardiões do “bom gosto” ” (Bravo, 2000: 22) esse grupo forma um exército da civilização contra a massificação em curso.

Estas duas ciladas se complementam e coexistem no que ele chama de “mercado do espírito” e “espírito do mercado”. A própria revista Bravo é um exemplo de uma época em que a cultura, alta ou baixa, se tornou uma mercadoria. É entretenimento, de massa ou de elite. Fernando de Barros afirma que “a cultura se fragmentou, se diversificou, foi pulverizada em guetos de consumo ou em estilos de vida, todos legitimamente representados nos mercados de bens da culturais” (Bravo, 2000: 23) Queiramos ou não, temos que aprender a conviver e disputar espaço com os modismos da atualidade, que ele cita como exemplo os concursos de DJs, os pensadores da moda, pagodeiros e ideólogos da Internet. O que importa é ter discernimento para e lucidez para começar reconhecendo que o inferno, sendo os outros, somos nós mesmos.

A crítica vai desaparecer?

Mário Erbolato¹ em um ensaio que analisa as seções de suplementos e variedades dos jornais afirma que a crítica literária constitui um gênero que tende a desaparecer da imprensa, ele argumenta que poucos são os jornais que se dedicam a apreciação de obras lançadas no mercado. Em lugar¹ da crítica surgiria o noticiário leve sobre os livros, quase sempre ilustrado com a fotografia da capa e mencionando o título, o autor, a editora, o resumo do conteúdo, o número de páginas e preço. Esses elementos geralmente são oferecidos pelo interessado em divulgar o lançamento, ou o redator limita-se a transcrever essas informações das orelhas dos livros e dos catálogos ou boletins periódicos.

De fato essa opinião de Mário Erbolato pode ser observada na prática do jornalismo baiano. Como exemplo mais significativo poderíamos citar o Jornal Tribuna da Bahia que não publica críticas literárias. Se pararmos para refletir sobre a questão chegaremos a conclusão de que atualmente não se dispensa a crítica a importância que ela realmente merece. O que se vê é um total desinteresse da mídia pela crítica. Um jornal responsável deve ter como obrigação publicar críticas de cultura, principalmente de uma manifestação artística de fundamental importância para o leitor como a literatura.

¹1 - ERBOLATO, Mário L. Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

A leitura é uma forma eficaz de adquirir conhecimentos e desenvolver o senso crítico dos seres humanos. Por isso, o jornalismo impresso, poderia dedicar mais espaço as notícias sobre livros, incentivando o hábito da leitura, como forma de ampliar seu público leitor . De acordo com o comentário publicado no ensaio “Ascensão e queda dos suplementos”, o que se vê na prática é uma simples divulgação do que a indústria editorial coloca no mercado. Na área da literatura o espaço que antes era ocupado pela opinião balizada do crítico, foi substituído pelo resenhista ou jornalista especializado em fazer resumos. Este, em um número de linhas cada vez mais reduzido apenas escreve sobre o lançamento divulgado pelas editoras e não emite um juízo de valor sobre a obra.

Na opinião da autora do livro *Altas Literaturas*, a professora Leyla Perrone a tarefa de se fazer crítica literária está cada vez mais difícil, pois vive-se um tempo em que a unidade da cultura foi esfacelada. O mais interessante é notar que esse esfacelamento interessa ao mercado. Afinal, se não houver nos jornais espaço para que o crítico julgue o que é bom ou não esteticamente, essa tarefa passou a ser do mercado, que a desempenha com bastante desenvoltura. Segundo a autora “o mercado está dando as regras, normatizando as relações e interações sociais, inclusive a cultural” 2. O êxito de determinada obra é medido por ter esgotado ou não uma edição. O que está influenciando realmente é o poder econômico. Fazendo com que um livro tenha sucesso graças mais a sua divulgação do que ao seu valor intrínseco.

Diante do exposto, fica o questionamento de como se dá na prática a relação entre jornalistas e críticos x indústria editorial e escritores? A crítica, ao julgar um produto, exerce um papel de mediadora entre o escritor e o público, concentrando grande poder no sentido de determinar o êxito ou o fracasso de determinada obra literária. José Marques de Mello ressalta que os

críticos tornaram-se verdadeiros árbitros, capazes de glorificar ou destruir. Em contraposição, a indústria editorial determina as leis do mercado consumidor de livros, pois exerce o papel de impôr, através do seu poder econômico os livros que merecem um espaço privilegiado dentro do jornal.

Outro pesquisador que se dedica a refletir e debater sobre o desinteresse da mídia pela crítica e discussão cultural no ensaio “Ascensão e queda dos suplementos culturais” é Afonso Romano que analisa diversas publicações na área de jornalismo cultural que conheceram seu prestígio rápido, mas desapareceram. Ele afirma que ninguém pode deixar de suspirar melancólico ao abrir o Correio do Rio Grande do Sul e deparar-se com os “exíguos espaços que ele apresenta para a cultura, tornando assim inviável um projeto para a sua crítica e o desfile saudável das idéias.”³

O jornalista Walter Galvan, no livro Um século de poder – Os bastidores da Caldas Júnior lembra episódios importantes da imprensa cultural gaúcha, critica a pragmatização dos meios de comunicação de massa, com sua consequente e visível redução de espaço do jornalismo cultural. Ao contrário do que ocorria em tempos áureos da imprensa cultural, o que se vê hoje é uma simples divulgação do que a indústria – cinematográfica, editorial, musical – coloca no mercado. E cita o exemplo da literatura, em que o espaço ocupado pela opinião balizada do crítico, passou a ser ocupado pelo resenhista, quase sempre um jornalista especializado em fazer resumos. Este, em um número de linhas cada vez menor, dá conta apenas do lançamento divulgado pelas editoras e não chega a emitir um juízo de valor.

Alguns estudiosos defendem que se trata de uma abertura da imprensa brasileira, que nos tempos da ditadura militar dava amplos espaços para a crítica de arte, já que não podia criticar mas abertamente os fatos

concretos. Ele exemplifica que na década de 80, em Porto Alegre, excetuando-se os três grandes jornais havia cerca de 50 pequenos jornais preocupados em sobreviver como empresas, e para isso, agradando como pudessem ao mercado local. “Com raras e corajosas exceções, o estímulo as

3 – Ascensão e queda dos suplementos culturais.

idéias e ao debate ficava para trás na corrida contra a urgência das contas com as gráficas e com o salário dos empregados.” 4

Ele acredita que como mercadoria o caderno de cultura não se sustentaria diante do público leitor destes jornais. A fórmula encontrada para sua viabilização foi a inclusão, no mesmo caderno, de matérias que tenham maior apelo diversificado.

4 – Sat`ana, Affonso Romano, Afonso. Suplementos Culturais: situação ontem e hoje. Conferência no CCBB – Rio, Outubro / 2000.

Algumas monografias na área da crítica

Percebi que há uma carência de publicações e trabalhos acadêmicos referentes à temática do jornalismo cultural e mais especificamente à crítica ou às resenhas literárias, enquanto espaço de atenção dos jornais. Tal fato reforçou o meu propósito do estudo de conclusão de curso. Encontrei quatro monografias na área do jornalismo cultural.

A mais completa delas faz um profundo estudo sobre o jornalismo especializado em música, identificando os parâmetros de abordagem das críticas e as estratégias editoriais adotadas por uma seção jornalística dedicada a cobertura musical (no caso a página de disco na Folha de São Paulo, no sentido de contribuir para o exercício reflexivo do que venha ser a prática, funções e pressupostos do jornalismo especializado em música. Uma das conclusões desta monografia é de que a crítica, ao exercer o papel de legislar sobre um produto ou acontecimento, atua como mediadora das formas musicais entre o artista e o público. O desafio do crítico é balizar essas instâncias e levar ao leitor uma apreciação justa sobre a obra divulgada.

A segunda delas se propõe a pesquisar de onde vem a cultura dos cadernos de cultura baianos e constitui um trabalho prático sobre a origem das pautas e do conteúdo dos suplementos culturais. Depois de pesquisar 259 matérias, chegou a constatação de que desse montante 117 matérias são na verdade releases, 111 são a cobertura de fatos do cotidiano e somente 15 pautas são exclusivas e pensantes. Por isso esses suplementos que se auto intitulam de cultura devem ser chamados de Suplementos de Arte, Lazer e Informação. São suplementos preocupados em passar uma informação massificada para o leitor. As notícias são diretas e sem maiores análises ou críticas (Gumes, Nadja Vladi, 1990).

A terceira monografia cujo título é “Crítica cultural e meios de comunicação” parte do princípio de que a crítica de cultura, no Brasil, perdeu seu poder de formar opiniões e padece de disfunção ou inversão de funções. Esta monografia conclui que não existem soluções para este problema. Pois foi constatado que a questão da crítica cultural diz respeito aquele que realiza a crítica, ou seja, a atual situação que se encontra a crítica de cultura hoje, no Brasil, é problema dos críticos que se encontram despreparados e desqualificados, sem qualquer formação profissional. (Frederico, Sofia Pedreira, 1994)

Uma quarta monografia de título *A Tarde Cultural* e a tradição dos suplementos culturais no periodismo baiano (a partir de final dos anos 50), se dispõe a pesquisar o surgimento do suplemento de *A Tarde Cultural* e constitui um projeto que busca compreender o contexto histórico em que se situam os cadernos de cultura e páginas literárias dos principais jornais diários da Bahia. A pesquisa conclui que houveram duas fases que determinaram as características editoriais dos cadernos baianos. A primeira delas foi a fase “espontânea” quando predominavam as vanguardas estéticas e os escritoras na

condução dos suplementos. O apogeu desta fase se dá entre meados dos anos 50 e 60. A Segunda fase foi a “técnico profissional” quando os suplementos vinculam-se ao marketing cultural, bem como grande indústria da cultura de massa, quando o jornalista diplomado substitui o escritor na redação (Vasconcelos, Antônio Mário, 1994).

Conceito e transição histórica da crítica para a resenha

De acordo com o pensamento de Afrânio Coutinho que pesquisou diversos trabalhos dedicados a discussão e à reflexão sobre a crítica literária, “esta disciplina parte da ciência da literatura, tal como é entendido hodiernamente o conjunto dos estudos dedicados à análise e interpretação do fenômeno literário” 5

Tendo isso em vista a obra de Afrânio Coutinho busca compreender a discussão de diversas correntes de pensamento afim de encontrar um denominador comum que conduza a um conjunto de valores universais. Ressaltando-se que em função da pluralidade e ambiguidade da literatura, arte da linguagem, parece difícil atingir esse objetivo.

Após a fragmentação dos debates chega-se a constatação de que “a crítica literária constitui a possibilidade de estudo da literatura com bases rigorosas, inclusive científicas”6.

Desta forma, supera-se o velho impressionismo diletante e vazio, fundamentado no gosto e na opinião e que fugia a qualquer sistematização. O formalismo russo foi o responsável pelo início da renovação da crítica que evoluiu com contribuições vindas de diversas origens, enriquecendo e ampliando a metódica e a teoria em torno ou a propósito da literatura.

5 – Coutinho, Afrânio dos Santos. Da crítica e da nova crítica. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975, pg. IX e X.

6 – Coutinho, op. Cit. Pg XI.

Na concepção de Afrânio Coutinho “hoje a literatura tem que ser explicada pelos seus elementos intrínsecos, de natureza estética, e por estético entenda-se tudo que constitui a literariedade, que incorpora inclusive elementos extraliterários oriundos do social, do político, do moral, do religioso.”⁷ Isso significa que na crítica o importante é o texto, não o contexto.

Os artigos de Afrânio Coutinho, apesar da aparente diversidade ligam-se por intermédio de um nexos que lhes proporciona uma unidade profunda: a constante preocupação com o problema da crítica, sua natureza, função e finalidades e, particularmente, as teorias e métodos revolucionários que caracterizam o estágio atual de sua evolução.

A essência das meditações sobre a crítica é a noção de que vem ocorrendo, desde o início do século, uma modificação doutrinária e metódica da crítica, graças a qual concepções dominantes no século XIX, vão cedendo o passo a uma nova perspectiva de considerar o fenômeno literário e de sua análise, interpretação e julgamento críticos.

Desde que iniciou seus estudos o autor vem advogando a doutrina da crítica intrínseca, ponto de vista de certo modo revolucionário, entre nós, e que, por isso, causou, e continua a causar, certas reações e incompreensões. Acontece que até hoje nossa crítica foi dominada pelo estudo de fatores exteriores ou extrínsecos que condicionam a gênese do fato literário. Afrânio Coutinho ressalta que “a crítica era a repercussão do naturalismo e determinismo biológico, social e geográfico, e do biografismo. Esses

7 – Coutinho. Op. Cit. Pg.IX

princípios se devem a obra de Sílvio Romero e dos outros críticos e historiadores da fase naturalista e positivista do final do século XIX e começo do século XX.” 8 Nesse sentido a crítica era em sua maioria, de cunho histórico, sociológico e biográfico, encarando a obra literária de fora, de sua periferia, na sua moldura histórica, ambiente, causas externas e elementos exteriores. A obra literária era encarada como uma instituição social, um documento de uma raça, uma época, uma sociedade, uma personalidade. O principal pensamento e o princípio que orientam o autor desses escritos é o de que “a crítica literária compete antes dirigir a mirada para a obra em si, e analisá-la em seus elementos intrínsecos, precisamente os que lhe comunicam especificidade artística. Essa é a crítica intrínseca, operocêntrica, verdadeiramente estética, literária ou “poética”, para o estabelecimento da qual em termos técnicos e autônomos se inclinam as mais sérias contribuições dos maiores críticos contemporâneos de todos os idiomas, em oposição a crítica extrínseca, historicista, sociológica do último século”. 9

Era necessário quebrar o monopólio em função do caráter monopolizante da doutrina dominadora. Embora a reação tenha sido mal interpretada como visando a destruição do método histórico e a negação das legítimas relações do fenômeno literário com as demais formas de vida. A doutrina defendida por Afrânio Coutinho busca reconhecer a validade dos diversos recursos de interpretação e estudo crítico. Segundo o autor, “o problema é, sobretudo, de ênfase nos valores estéticos da obra, partindo do princípio de que um fato estético - literário exige, como meio mais adequado

8 – Coutinho, Afrânio. Pg. XII

9 – Coutinho, Afrânio. Pg. XII

de análise um método estético literário, inspirado em teoria estético literária.” (Coutinho, 1975: pg. XIII) A nova crítica prioriza técnicas criadas conforme a natureza do fenômeno a estudar, subordinando-se a elas de forma que lhes sejam úteis. É considerada crítica literária aquela que usar métodos literários. Aplicam-se objetivos de outras ciências ao estudo do fato literário, o que é legítimo, mas isso não pode ser classificado como crítica literária.

Na Rússia realiza-se desde o início do século um trabalho extremamente sério e frutífero no campo da crítica de arte. É imprescindível incluir neste trabalho os estudos sobre crítica da arte e estética geral, de Mikhail Bakhtin. Ele explica que desde o início do século, a literatura científica russa enriqueceu-se com trabalhos valiosos de teoria literária, sobretudo no campo da poética. e salienta que apesar da indiscutível fecundidade e importância dos trabalhos russos sobre poética, a posição científica deles não pode ser tida como satisfatória., pois é condicionada por uma atitude metodicamente imprecisa, da poética por eles elaborada para com a

estética sistemático-filosófica. Para Batkin a ciência da arte define-se através de sua oposição a uma estética- filosófica não científica. Assim, a tendência dos trabalhos contemporâneos de poética é “construir um sistema de juízos científicos sobre cada arte, e no caso em questão, sobre a arte literária”¹⁰ Batkin esclarece que por essência da arte compreende-se a metafísica da arte. Mas, hoje não se pode polemizar com a

10 - BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance), quarta edição, Editora Unesp, São Paulo, 1998.

metafísica, e a independência da poética assume um sentido negativo que pode ser definido como “uma pretensão de construir a ciência de cada arte em particular, independentemente do conhecimento e da definição sistemática da singularidade estética da unidade da cultura humana”¹¹

É necessária uma concepção sistemática do campo estético para poder separar o objeto submetido a um estudo de poética – a obra de arte literária – de outras obras escritas com palavras. Algumas vezes essa concepção pode ser encontrada diretamente no objeto de estudo, ou seja, “o estudioso de teoria literária não precisa recorrer à filosofia sistemática para procurar o conceito estético, que ele encontrará na própria literatura”.¹² Bakhtin argumenta que a poética definida sistematicamente deve ser a estética da arte literária.

Wilson Martins salienta, com razão a escassez entre nós de meditações acerca da natureza da crítica, de teorização da crítica e da literatura, meditações que estariam a exigir um preparo básico de ordem filosófica, sem o que dariam margem a imprecisões e confusões conceituais. Ele afirma que “a crítica requer pressupostos filosóficos, e não se compreende que vá alguém filosofar sobre ela e estabelecer classificações baseadas em conceitos gerais, sem que esteja de posse de bons critérios de ajuizamento e de definições

11 – Bakhtin. Op. Cit. Pg. 15

12 – Bakhtin. Op. Cit. Pg. 17

claras desses conceitos”. (Coutinho, 1975, pg 4)

José Marques de Mello afirma que “historicamente, a apreciação dos produtos culturais começa na imprensa brasileira pelas áreas artísticas tradicionais: literatura, música, teatro, artes plásticas.”¹³ Ele observa que a crítica elaborada até o início do século era mais profunda, na medida em que os jornais e revistas eram destinados a uma parcela mais restrita da sociedade. Havia uma coincidência entre o público leitor dos periódicos e o público fruidor das obras-de-arte. Desta forma, os editores cediam maior espaço a matérias dedicadas a análise da própria obra de arte, e não apenas uma orientação para o seu consumo. Esse panorama muda a partir da década de 30, época em que o jornalismo adquire escala industrial, ampliando consideravelmente o público leitor, “abrangendo também a classe média e setores do operariado qualificado, a apreciação dos bens culturais busca novos

caminhos”. 14

As mudanças ocorrerão não apenas na forma – a crítica é substituída pela resenha, - mas também no conteúdo, explica José Marques de Mello. Nesse sentido, o que se analisa não são mais as obras-de-arte (criações que seguem padrões estéticos refinados e que portanto se dirigem as elites) e

13 – Mello, José Marques. A Opinião no Jornalismo Brasileiro. Petrópolis. Vozes, 1985. Pg. 98.

14 – José Marques de Mello Op. Cit. Pg. 98.

sim os lançamentos da indústria cultural (produtos destinados ao consumo de grande parte da população e por isso seguem as leis da produção em larga escala). Ele exemplifica que o livro colocado no mercado passa a ser apreciado no lugar da literatura.

Nesse contexto praticamente desaparece a crítica estética, consagrada a apreender o verdadeiro sentido das obras de arte, situando-as num contexto histórico, surgindo em seu lugar a resenha uma atividade mais fácil de ser realizada e culturalmente despojada.

José Marques de Mello atribui o descompasso entre a crítica e a resenha, à transição por que passou o jornalismo brasileiro, “da fase amadorística (quando os espaços dos jornais e revistas estavam franqueados aos intelectuais para o exercício, eventualmente remunerado, da análise estética no campo da literatura, música, artes plásticas) para o período profissionalizante (momento em que a valoração dos produtos culturais

passou a ser feita regularmente, e portanto remunerada, adquirindo caráter mais popular).” 15 Ocorreu que os grandes intelectuais não aceitaram ceder as simplificações impostas pela indústria cultural e pela comunicação de massa, já os editores culturais pensavam ser indispensável ampliar o raio de influência da crítica de arte, tornando-a útil ao grande público e não mais acessível apenas as elites universitárias.

Este fato resultou no refúgio dos grandes intelectuais nos periódicos especializados ou nos veículos direcionado ao segmento universitário brasileiro, para que pudessem continuar realizando seus exercícios críticos segundo padrões de análise acadêmica. Estes se

15– José Marques de Mello. Op. Cit. Pg. 97 e 98.

autodenominaram críticos, em oposição aos profissionais que continuaram a trabalhar nos meios de comunicação de massa, apreciando lançamentos artísticos cujos textos foram denominados de resenha, traduzindo a expressão review utilizada pelo jornalismo norte-americano.

As diferenças entre a crítica e a resenha e algumas definições

De acordo com Afrânio Coutinho, as reflexões sobre a crítica pressupõem uma premissa: a distinção entre crítica propriamente dita e “review” , revista ou resenha de livros. Distinguem-se pela natureza e função.

A primeira é uma função escolástica (scholarship) de analisar, interpretar e julgar a obra literária: requer pressupostos doutrinários e uma metódica explícita, padrões e critérios de aferição de valores, uma epistemologia e fundamentos filosóficos. A segunda é uma forma de crítica aplicada, ao mesmo tempo que um tipo de jornalismo, visa informar e orientar o público dos jornais e revistas a cerca do movimento editorial, recenseando os livros do momento em pequenas sínteses do seu conteúdo e apreciações ligeiras do seu valor. A diferença não é uma questão do local em que se publicam, mas de espírito e método, os de uma não se confundindo com os da outra.

José Marques de Melo também aborda as diferenças entre a crítica e a resenha, inspirado nos estudos de Afrânio Coutinho e referindo-se especificamente ao universo literário, faz questão de ressaltar que “a resenha (antigamente chamada de rodapé literário) é atividade propriamente jornalística que se caracteriza por ser um comentário breve, quase sempre permanecendo à margem da obra ou não saindo do “a propósito”. Enquanto isso, a crítica exige diferentes métodos e critérios que tornam o seu resultado incompatível com o exercício periódico e regular em jornal, e mais incompatível com o próprio estilo do jornalismo, que é informação ocasional e leve”. 16

Outra diferenciação que Afrânio Coutinho detecta toma como referencial o público dos dois gêneros: “a crítica (gênero literário) destina-se a *scholars* ; a resenha (gênero jornalístico) dirige-se ao consumo popular”. 17 Não é estranho o fato de que a resenha prolifere nos meios de comunicação coletiva e a crítica fique restrita aos suplementos culturais dos diários, às revistas especializadas e às teses universitárias.

No momento, a crítica propende para um grau de especialização, como disciplina por assim dizer científica e autônoma, que seu exercício não

se confunda com a imprensa diária. Dirige-se então para a cátedra, a revista especializada, o livro. Ficou no jornal a forma de crítica aplicada, a recensão ou o “review”, leve, informativo, notícia de livros, ligeiramente comentada. Não se pode impedir a existência das seções de livros aos jornais, pois livro também é notícia. Apenas isso não é crítica.

Compete a crítica uma preocupação constante com a precisão terminológica e conceitual, conforme a lição de Aristóteles de que ela é a primeira condição da cultura. É um dever e uma função específica da crítica estabelecer o sentido exato dos termos e conceitos com que lida. Só a ela

16 – José Marques de Mello. Op. Cit Pg. 99

17 – José Marques de Mello. Op. Cit. Pg. 99.

compete a tarefa de rever e precisar o vocabulário especializado, as técnicas e as autoridades e não aos amadores e estranhos ao ofício. É aliás, como assinala Daivid Daiches, uma das características da crítica moderna, a terminologia meticulosamente definida.

Só depois de reconhecer essa distinção elementar é que se tem o direito de arrolar e definir os diversos tipos de crítica: a impressionista, a judicante, a biográfica, a psicológica, a histórica, etc, a que modernamente, se procura opor a crítica intrínseca, operocêntrica.

Afrânio Coutinho explica que “no Brasil, a crítica tem sido exercida de duas maneiras. Ora como crítica no sentido estrito, em livros ou estudos, e esse tipo a linguagem corrente denomina “ensaio” e ensaístas os seus cultores. Ora sob a forma militante, semanal, enciclopédica, na imprensa, na maioria dos casos em boletins ou em rodapés, e para esse tipo é que o uso

reserva o termo crítica. Não é mister muito esforço para verificar-se o equívoco de semelhante modo de diferenciar o problema.” 18

E continua afirmando que “entre nós, são considerados críticos apenas os que dispõem de um rodapé ou seção bibliográfica de jornal, compreende-se porque a crítica brasileira, aquela que se exerceu através de jornais, periodicamente, não poderia passar do nível da superficialidade e ligeireza, próprio do trabalho apressado do jornalismo.” 19 Essa crítica militante, de rodapés ou folhetins semanais, pretendeu, segundo a tradição francesa, especialmente ligada a Sainte-Beuve, a conciliação. Ele acredita que na falta, porém, das qualidades, nossa crítica sacrificou, na sua grande maioria, o lado sério, profundo, de pesquisa e análise, em benefício do

18 – Afrânio Coutinho. Op. Cit. Pg. XIV

19 - Afrânio Coutinho. Op. Cit. Pg. XIV

“review”. Reduzindo-se ao comentarismo superficial ou a propósito de livros, participando mais da natureza e da função do “review”, sem mesmo chegar ao impressionismo, com raras exceções devidas as qualidades de algumas figuras excepcionais que a praticaram.

Seguindo o pensamento de Afrânio Coutinho, de regra, entre nós, fazem crítica, isto é a crítica do jornalismo ou “review”, pessoas sem o adequado preparo, no mais dos casos, jovens sem o amadurecimento indispensável, a experiência e o estudo, em suma, sem qualquer formação para o ofício. A crítica não é compatível com a improvisação, a que nós entregamos em geral a produção literária. Repele o amadorismo, requerendo que a encaremos e a exerçamos com espírito profissional. É um mister complexo, técnico, que exige formação, estudo e tirocínio, largo trato dos

fenômenos estético e literário, incompatível com quem começa e ninguém viu os estudos.

É nas universidades e faculdades, em cursos técnicos de letras, que se adquire tal formação. Afrânio Coutinho questiona : “Como levar a sério, portanto, uma crítica exercida por meninos saídos da casca, improvisados da noite para o dia em críticos só porque as circunstâncias lhes puseram nas mãos um folheto de jornal ? Ou então por fracassados que nela se refugiam com o seu ressentimento?”. 20 Na sua concepção o estado a que atingiu a cultura brasileira, a consciência anti – amadorista que já se vai espalhando nos meios intelectuais, literários e universitários, entre as mais novas gerações, já nos dá o direito de denunciar a mistificação tão

20 – Afrânio Coutinho. Op. Cit. Pg. XV

degradante da nossa inteligência, e exigir novos métodos de trabalho e atitude mais séria em face de uma tarefa de maior relevância , como a da crítica, a que se reserva o papel insubstituível de disciplina do espírito literário.

De acordo com José Marques de Mello “o gênero jornalístico que se convencionou chamar de resenha corresponde a uma apreciação das obras-de-arte ou dos produtos culturais , com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores”. 21 Ele ressalta que o termo resenha ainda não se generalizou no Brasil, persistindo o emprego da palavra crítica para significar as unidades jornalísticas que cumprem aquela função e crítico para designar quem as elabora.

Na opinião de Todd Hunt (José Marques de Mello, pg 100) a

resenha cumpre as seguintes funções: “informa, proporcionando conhecimentos sobre o que está em circulação no mercado cultural e sobre a natureza e qualidade das obras comercializadas; eleva o nível cultural, pelo caráter didático com que aprecia os bens culturais, despertando muitas vezes o senso crítico para sua fruição; reforça a identidade comunitária fazendo o julgamento das obras segundo padrões peculiares à comunidade, o que significa descobrir especificidades geoculturais em produtos que possuem destinação massiva; aconselha como empregar melhor os recursos dos consumidores, fazendo-os recusar os produtos de baixa qualidade; estimula e ajuda os artistas, elogiando o bom desempenho ou enfatizando falhas e imperfeições; define o que é novo, distinguindo os produtos tradicionais dos lançamentos que fogem à tendência dominante; documenta para a história, permitindo reconstituir momentos de uma atividade que é efêmera pela

21 – Mello, José Marques. Op. Cit Pg. 97

própria natureza da indústria cultural; diverte, porque resgata situações inusitadas, cômicas ou hilariantes, desde que realizadas com humor”. 22

A definição de crítica que encontramos no Manual de Redação da Folha de São Paulo é de um “gênero jornalístico opinativo que analisa e avalia trabalho intelectual ou desempenho em artes, espetáculos, livros, competição esportiva, discurso político, projeto ou gestão de administração pública, trabalho acadêmico”. 23 A crítica deve ter fundamentação em argumentos claros. Quando for escrita por um especialista deve ser também acessível ao leigo, sem tornar-se banal. Outra observação do Manual é que a crítica não deve acusar pessoalmente, pois seu objetivo é a obra ou desempenho, e não a pessoa.

O Manual também define mais especificamente a resenha como um “gênero jornalístico que consiste em resumo crítico do livro. Deve ser informativo, dando ao leitor uma idéia do conteúdo da obra e de quem é seu autor, mas também exige que se emita opinião sobre a qualidade. É sempre assinada.”²⁴

Segundo Stanley Johnsons e Julian Harris (Erbolato, pg 93 e 94), a prática da crítica literária deve obedecer as seguintes diretrizes: “Informar ao leitor qual impressão terá em relação ao caráter da obra ou livro e seu estilo, e se a narração deixa transparecer violência ou serenidade; criticar a obra dentro do seu gênero e a luz de suas intenções;. resumir o conteúdo da obra de forma que não mostre tudo ao leitor, de modo que o incentive a ler a obra

22 – José Marques de Mello. Op. Cit Pg. 100

23 – Novo manual da redação. São Paulo :Folha de S. Paulo, 1992. Pg. 66

24 – Novo Manual da Redação. Op. Cit. Pg. 107

integralmente; utilizar um vocabulário simples para fazer a crítica, mesmo que se trate de um livro técnico”.²⁵

Crítica como Gênero Opinativo

A crítica no jornal impresso está inserida no conceito de gênero jornalístico opinativo. José Marques de Melo inclui nesse mesmo bloco o artigo, a coluna, a crônica, a caricatura e o editorial. Enquanto outras formas

como a notícia e a reportagem ele inclui no gênero opinativo. Esta classificação não pode ser totalmente aplicada a prática do jornalismo, onde opinião e informação não se excluem, mas são utilizadas de modo que se complementam na elaboração da notícia. Portanto, vamos dedicar um capítulo deste trabalho para abordar o conceito de “opinião” dentro do quadro teórico de referências do jornalismo e discutir qual a função da opinião na imprensa. Luís Beltrão em seus estudos sobre o jornalismo opinativo se dedica a responder algumas indagações básicas a respeito do jornalismo contemporâneo, questionando se o jornal deve opinar, como se dá a manifestação da opinião no jornal, e se o jornal pode reunir no corpo da matéria informação e opinião. Ele destaca a importância da informação conjugada a opinião para a atividade jornalística de qualquer âmbito, seja do campo cultural, político ou econômico.

25 – Erbolato. Op. Cit. Pg 93 e 94

A princípio o jornalista deve voltar-se para três aspectos. O primeiro deles é a informação, ou seja, “o relato puro e simples dos fatos e idéias”. O segundo é a orientação, ou “o esforço de interpretar a ocorrência, tirando conclusões e emitindo juízos de valor com o objetivo de provocar a ação por parte daqueles a quais a mensagem é dirigida”. O terceiro aspecto é a diversão, ou um “meio de fuga às preocupações do cotidiano” 26

De acordo com Luiz Beltrão “o jornal tem o dever de exercitar a opinião: ela é quem valoriza e engrandece a atividade profissional, pois, quando expressa com honestidade e dignidade, com a reta intenção de orientar

o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem estar e da harmonia do corpo social”. 27

Outra pergunta formulada por Luiz Beltrão é em que consiste realmente a opinião .Ele afirma que “se trata da função psicológica pela qual o ser humano, informado de idéias, fatos ou situações conflitantes exprime a respeito seu juízo”.28

A crítico literária, por sua vez, deve cumprir a sua função essencial que é informar o público leitor sobre certos dados fundamentais,

26 – Beltrão, Luíz. Jornalismo Opinitivo. Porto Alegre, Sulina, ARI, 1980.Pg. 13.

27– Beltrão, Luiz. Op. Cit. Pg. 14

28 – Beltrão, Luíz. Op. Cit. Pg.

qualidades inerentes a obra, suas características essenciais ou certos aspectos pertinentes a obra sobre a qual está opinando.

De acordo com o Manual de Redação da folha de São Paulo o jornalista, ao relatar um fato ou redigir uma notícia deve abster-se de emitir juízos de valor ou opinar, já a análise de uma obra, oferece ao leitor a oportunidade de se aprofundar sobre os valores estéticos do livro. Para o manual a opinião é subjetiva e arbitrária, não tendo necessidade de que se comprove seu ponto de vista, enquanto que a análise busca explicar a notícia de maneira mais objetiva possível, exigindo alguns procedimentos do jornalista, como: “checar se dispõe de informações suficientes para sustentar suas conclusões; pesquisar a bibliografia ou os arquivos sobre o assunto; entrevistar os envolvidos; contextualizar o assunto; escrever um texto curto e

de preferência com uma única linha de raciocínio; expor sua linha de análise logo nos primeiros parágrafos; expor seus argumentos em crescendo, para tirar proveito da tensão criada pelo texto e facilitar a conclusão para o leitor; trabalhar com rigor técnico para que suas conclusões sejam consequências necessárias daquilo que descreveu; cruzar as suas observações com dois ou mais especialistas no assunto, de preferência com posições divergentes; sempre utilizar números e estatísticas para dar mais credibilidade e objetividade às informações; ressaltar contradições e, para tornar seus argumentos mais claros, utilizar analogias; para que o texto de análise não fique desinteressante, deve recorrer a declarações inteligentes, famosas ou engraçadas sobre o assunto, além de mencionar casos históricos que guardem semelhanças com o tema abordado; e para que a análise tenha êxito, deve chegar a uma conclusão original”.²⁹

29 – Manual de Redação. Op. Cit. Pg. 83 e 84.

Machado de Assis – O crítico Ideal

As primeiras manifestações da carreira literária de Machado de Assis datam de 1855, ano em que começa a colaborar na Marmota Fluminense, com a publicação da poesia “Ela”. Até 1861, escreve para jornais e revistas - Correio Mercantil, O Paraíba, O Espelho, Diário de Notícias, Ilustração Brasileira, Revista Brasileira – poesias, crônicas, contos, comentários políticos, crítica literária, e divulga alguns de seus romances. Destaca-se na sua atividade literária inicial, o cultivo da poesia e, sobretudo, a

crítica literária e teatral. Estréia como crítico na Marmota de Paula Brito publicando o ensaio “O Passado, o Presente e o Futuro da literatura, datado de 1858.

Só no ano de 1858 é que de fato se dedica ao comentário e o julgamento de obras literárias e de teatro. A partir de 1861, mantém aí, sob o título de “Comentários da Semana”, uma seção de crônicas, crítica literária e teatral. Mais tarde, no decorrer de 1866, de maneira mais regular do que a anterior, cultiva a crítica naquele mesmo jornal, em nova seção denominada “Semana Literária”.

Sempre assim, sem regularidade, se dedica à atividade crítica, enquanto progressivamente arrefece o seu entusiasmo por ela. Deu-nos alguns ensaios esplêndidos, de admirável lucidez e compreensão no seu momento histórico-literário, como é o caso da “Notícia da Atual Literatura Brasileira”, de 1873, da crítica a Eça de Queirós, de 1878 e da “Nove Geração”, de 1879. Nestes estudos, Machado de Assis não só se revela o nosso melhor crítico de fins do romantismo para princípios do realismo naturalismo, como também um espírito equilibrado, capaz de compreender as preocupações nacionalizadoras de nossa literatura, que vinham do romantismo, de sustar o excesso de entusiasmo das gerações novas, e de combater, ponderadamente, as manifestações transitórias, artificiais, dos estilos literários que então se debatiam.

O que pretende-se ressaltar é o fato de caber a Machado de Assis a preocupação inicial com a atividade crítica regular, capaz de apreciar as obras literárias com isenção de ânimo, com imparcialidade, livre do sectarismo e das simpatias ou antipatias pessoais. A crítica que de fato orienta o leitor e oferece sugestões positivas ao escritor, aquela que ele muito bem define no “Ideal do Crítico” e que soube exercer com dignidade e

conhecimento, assegurando, de fato. O exercício da crítica militante, que , depois dele, já para fins do século XIX e princípios do atual, passa a contar Silvio Romero e principalmente Araripe Júnior e José Veríssimo. Ademais, uma crítica que é importante para estudo de idéias estéticas, de estilos e de princípios fundamentais da perspectiva literária, indispensável, portanto, para a compreensão do momento de transição do romantismo para o realismo – naturalismo, quando ela foi escrita na sua maior parte – 1858 – 1879.

Tanto pela atitude teórica que assumiu quanto pelo exercício da atividade, Machado de Assis é definido como um crítico escrupuloso, idôneo, intelectualmente honesto, colocado na posição difícil de quem pretende exercer a verdadeira crítica, orientadora e imparcial, logo no momento – a altura da década de 1860 – em que ela era exercida por pessoas sem qualificação.

Machado de Assis afirma que a gratuidade do julgamento crítico impedia, conforme ele pondera no “Ideal do Crítico”, a orientação indispensável a jovens poetas e escritores em geral, sem que eles dificilmente poderiam reconhecer em si mesmos o possível ou exato valor do talento e a capacidade criadora. Ele pergunta-se como poderia surgir uma obra de projeção e como seria possível assim reconhecê-la e consagrá-la? De acordo com Machado de Assis, “tal situação, tão pouco propícia à legítima atividade criadora, poderia ser evitada se cultivássemos uma crítica nobre e profunda, elevada e séria, sem ódio, camaradagem ou indiferença, essas três chagas, como ele dizia, da crítica de então, que deviam ser substituídas pela sinceridade, solicitude e justiça.” 30

Segundo Machado de Assis, uma das condições primordiais do crítico deve ser o cultivo da “ciência literária”, numa libertação daquilo que se limita ao domínio da imaginação. A crítica é acima de tudo análise. Por ela, o crítico deve buscar na obra “o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção. Se a crítica deve ser meditada, é claro que não deve nascer de uma rápida leitura, reproduzindo apenas impressões do momento: deve ser o resultado da ciência e da consciência do crítico. Porque, “na ausência da probidade, de convicção sincera e fundamentada, de justa imparcialidade, o crítico jamais deve proferir o seu julgamento sobre qualquer obra; ademais, a missão do crítico é alicerçada e como que estruturada na verdade e não proposta a ser uma “profissão de rosas”.”³⁰

30 – Assis, Machado de. *Crítica*. Livraria Agir. Rio de Janeiro. 1959. Pg.8

Na opinião de Machado de Assis “o crítico deve ser coerente, possuir independência, sentir-se seguramente firme contra qualquer pessoalismo, mantendo-se dentro da imparcialidade que permite justamente indicar o valor da obra de mérito ou a insuficiência da obra fraca, sem distinção do autor”.³¹ Ele também afirma que o crítico deve demonstrar tolerância para com a justa valorização da obra que não deve ser condenada só pelo fato de pertencer a uma corrente literária que não esteja de acordo com as suas preferências pessoais. Ele ainda considera que a crítica concebida adicionando a condição de urbanidade, isto é, a delicadeza e a distinção tanto no modo de realçar o valor, como no de expor a ausência deste elemento vital de qualquer obra seria realmente útil e favoreceria o desenvolvimento de uma séria e produtiva literatura, para o esclarecimento proveitoso, aos jovens estreantes, do verdadeiro sentido da arte.

Machado de Assis não escreveu uma teoria da crítica literária, mas expôs sistematicamente em seu pensamento as qualidades e funções do crítico, num trabalho de orientação e sem preocupação com doutrina. Ele escreveu daquela forma para atender a uma demanda de momento, visando revigorar a crítica brasileira de então.

O processo crítico em Machado de Assis é dominado por uma espécie de lugar comum que sempre existiu na atividade da crítica: “a análise ou como que a dissecação do conteúdo da obra ou do trecho, do enredo do romance criticado”. 32

Na concepção de Machado de Assis a Crítica deve buscar o sentido social e de pensamento, filosófico e estético da obra criticada. “Deve o

31 – Assis, Machado de. Op. Cit. Pg. 8

32 – Assis, Machado de. Op. Cit. Pg. 8

quanto possível reproduzir a marcha evolutiva da obra total do escritor criticada, da primeira a última página, acompanhando-lhe o pensamento, concepção artística, conjeturando quando for indispensável, apresentando as características de cada produção de relevo bem como as da obra em seu conjunto, revelando o pensamento do escritor em todos os sentidos.” 33 Resumindo, deve esclarecer a obra em relação a formação do autor e do seu momento histórico, e também ressaltar nela as qualidades estilísticas e estéticas. Isso deve ser feito de forma imparcial e fiel, e que depois se prossiga na crítica de apreciação, de censura, de julgamento, de sugestão e correção, isto é, orientadora, principalmente no caso dos estreates.

Outra qualidade predominante na crítica de Machado de Assis e que deve ser acrescentada, é o impressionismo, mas impressionismo orientado pelo bom gosto, coerência, justeza, considerável leitura.

Ele exerceu o seu ideal de crítica orientadora, apesar do seu aspecto predominantemente expositivo e gosto pela comparação. Assim, costumava resumir a composição, sugerir emendas, moderação, equilíbrio, mudança de situação ou de certos aspectos particulares de cada cena, numa espécie de correção técnica, principalmente do romance. Reservado, discreto e até mesmo tímido ao negar ou ao afirmar e sem maiores preocupações de subordinar o autor a ditames de escola literária, nunca esquecia de estimular ou lisonjear o criticado, quando lhe propunha uma correção ou lhe fazia uma censura ou elogio.

Um dos pontos de partida para o estudo da obra de Machado de Assis como escritor, ou seja, do romancista, contista, cronista, teatrólogo e poeta, é a crítica que ele escreveu, e da qual a maior parte se acha reunida nos

33 – Machado, Assis de. Op. Cit. Pg 8

dois volumes – Crítica Literária e Crítica Teatral.

Sua crítica revela notável equilíbrio, excelente formação e preocupações estéticas, “tudo enriquecido pela leitura assídua e meditada dos escritores de qualquer época e de qualquer momento, dos verdadeiros criadores das grandes obras de arte.” 34

Foi através da Crítica que Machado de Assis expôs suas idéias sobre estética literária. O mais importante é destacar que o que guiou toda a crítica machadiana “foram as virtudes da honestidade e da sinceridade, aliadas a coerência e ao bom gosto”.³⁵ Antes de criticar qualquer obra, ou apreciá-la, Machado procurava conhecer a produção literária anterior do escritor a ser criticado, sua preocupação era ressaltar qualidades ou defeitos de formação.

A influência da mídia sobre a literatura

Em sua dissertação de mestrado Sérgio Araújo de Sá dedica-se a produzir ensaios que examinam as relações entre literatura e mass média na obra do escritor brasileiro Sérgio Sant'anna. Sérgio Sant'anna defende a idéia da existência de uma “cultura midiática que provoca mudanças relevantes na sociedade, e mais especificamente, na literatura: da produção a recepção, na composição das narrativas, do autor ao leitor.” (Sérgio Araújo/ 1999:pg 4).

34 – Assis, Machado de. Op. Cit. Pg 13

35 – Assis, Machado de. Op. Cit. Pg. 13

Os textos de Santa`nna aproximam-se do mundo da literatura, televisão, jornal, revista, vídeo, cinema, rádio, publicidade. Assim, os mass média são a força impulsionadora da narrativa.

A literatura vive uma busca constante sobre o que fazer em meio a um número infindável de imagens. Na visão de Sérgio Araújo a cultura da mídia instaura crises, podendo tirar o sono do leitor, do escritor, do narrador. Através da literatura pode-se expressar a criatividade do artista, já que não é possível encher as páginas de um livro de imagens ou de colocar na bibliografia as horas que passamos ouvindo músicas. Ele afirma que “seja como for, todas As realidades e fantasias só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal.” (Sérgio Araújo; 1999: pg. 10).

O escritor italiano Ítalo Calvino e sua proposta de visibilidade para o próximo milênio atribui a literatura a função de “interromper o fluxo dos meios, de tentar ordenar o transtorno, de baixar a velocidade das imagens”. Vive-se uma época em que o espetáculo do mundo é captado pelos olhos e a escrita está imbricada na experiência e fantasia. A literatura, narrativa ficcional em prosa, se deixa seduzir pelos *mídia*. Essa aproximação contagia aspectos diversos do âmbito literário, como concepção, publicação e recepção.

A literatura, arte que temos acesso através do livro, está concentrada nos gêneros: romance e conto, embora estes dois conceitos não dêem conta das atuais transformações narrativas. A literatura não se resume a isso, mas a todas as suas influências. Na vida de quem escreve, de quem lê, e na vida da sociedade. Com a entrada da mídia mudam as implicações. Muitos argumentam que a literatura também é uma mídia, um meio de comunicação. Mas o importante é não confundí-la com os meios de comunicação de massa que surgiram no século XX, sobretudo os eletrônicos.

A literatura na contemporaneidade divide espaço com a tv, o filme em vídeo, o jornal diário, a programação do cinema, o computador, a internet que desperta a curiosidade e pede mais atenção. Em tempos de *mass mídia*, a literatura tem o papel de pedir silêncio. De acordo com Sérgio Araújo “a literatura é um produto cultural de sentido diversificado em uma sociedade dominada pela comunicação social e pelo discurso impessoal”.

O trabalho de Sérgio Sá analisa a interpenetração entre literatura e mídia. Ele acredita que não podemos nos entregar ao “populismo midiático” sem consciência crítica, valorizando irracionalmente tudo, quando muita coisa não presta, nem o “pavor midiático” que nega e desvaloriza produtos culturais que oferecem algum prazer estético.

Literatura e mídia tiram proveito uma da outra. E como afirma Umberto Eco “a multiplicação dos mídias chegou ao texto literário”. O público consumidor se consumidor dos meios de comunicação se configura em função do contato incessante com as mídias. Assim o diálogo da comunicação mediática com a produção literária se tornou quase inevitável. Se toda a sociedade não está imune a indústria cultural, a literatura também não está imune a mídia.

Umberto Eco, já em 1973 questionava se a literatura havia sido levada a um compromisso com os *mass média*. A hipótese levantada num arttgo sobre

35 - ECO, Umberto, in: Viagem na irrealidade cotidiana, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p.176-81

mudanças na atividade literária em função do fenômeno da comunicação de massa, parece verdadeira. Os *média* que tanto retiraram da literatura (mecanismos narrativos, por exemplo), passam a lhe fornecer invólucro. O texto literário contemporâneo “não consegue dizer não a sociedade da comunicação generalizada” 36

A mídia – os *mass média* - ocupam papel central na cultura contemporânea. Na verdade fala-se até numa cultura autônoma dos *média* que “representa um sistema de conteúdos e formas pelo qual estruturamos nossa visão de mundo, a partir do qual se estabelece nossa competência perceptiva e expressiva e mediante o qual se elaboram os princípios da sociabilidade vigente”.37

Sérgio Araújo Sá observa que seria estranho se a literatura estivesse fora do processo da cultura a moda mídia. É pertinente verificar o que os *mass média*

dizem para a literatura – instituição, discurso, produção, narrativa, texto, recepção, efeito, e também saber o que a literatura diz para a mídia.

Para ler a prosa de Sérgio Sant’anna, utilizamos elementos midiáticos. O leitor se vê diante de uma atividade que não tem tanto prestígio quanto no passado. “O axioma da autoridade pessoal” está no que vimos na tv, não mais no que lemos no livro. É como se a literatura nadasse contra a corrente (elétrica e eletrônica). Pg. 20

“A força que a literatura que a literatura teve, portanto, de influenciar os meos em seus primórdios se perdeu, portanto” (Sérgio

36 - Gianni Vattimo, La sociedad transparente, Barcelona, Paidós/I.C.E. – U.A B., 1996.

37 - Antônio Fausto Neto e Milton José Pinto(org), O indivíduo e as mídias, Rio de Janeiro, Diadorem, Compós, 1996, p.33

Santa’anna, 1999: pg 20) Hoje ela sofre mas as consequências das transformações do que transforma. Hoje a literatura, e o que vem a ser tachado de intelectual não tem tanto prestígio. Por não produzir grandes efeitos sobre os leitores, a literatura precisa aprender a seduzir, captando os sinais que vêm do mundo contemporâneo.

Não temos como escapar da televisão, sempre ligada da forma mais natural possível, nem como fugir do rádio, funcionando sempre automaticamente, e das revisas nos consultórios médicos, do jornal que imbrulhamos as compras, da Internet que constantemente nos convida para mais uma navegação. Não há como fugir do raio de influência da mídia.

Mídia e leitor

O leitor também é observador da espetacularização oferecida pelos *mídia*. Sérgio Santa`nna afirma que a relação do espectador com a televisão parece esconder uma frustração pelo desprezo a inteligência, pela distância entre o mundo “real” daqui e a “fantasia” de lá, onde todos têm e podem tudo. Ver o mundo de variados ângulos, obter informações de qualquer espécie. O excesso representado pelos *mídia* é melhor do que a escassez. “Somos consumidores do entretenimento, de diversão, de encenação. E, o leitor-consumidor, ao se deparar com o texto literário buscará suprir as necessidades de seu horizonte de “expectativas mediáticas”. Ele não só compra o livro com obras já lidas, como também traz para discussão o filme e a novela já vistos, informações da reportagem de jornal. Na obra de Sérgio Santa`nna o leitor se aproxima da narrativa literária com sua bagagem *mass midiática*. Os leitores dificilmente se dizem alheios a mídia. Ao contrário, leitores e escritores formaram-se dentro de uma indústria cultural consolidada nos anos 70. O escritor Antônio Callado questiona se a presença da TV não determina para o escritor a “necessidade de desenvolvimento de técnicas narrativas mais adaptadas a um ritmo de sensibilidade que a televisão contribui para desenvolver nos leitores”. 38

A citação abaixo proporciona uma visão sobre as mudanças que a industrialização e a presença da mídia vem proporcionando na cultura da sociedade contemporânea:

“ (...) a literatura não é apenas a manifestação de um universo subjetivo, isolado. Há coisas acontecendo na sociedade, no Brasil, nos últimos vinte e cinco anos, que implicam em transformações inéditas, como a industrialização, a urbanização, a presença de uma tecnologia no cotidiano mesmo das pessoas mais pobres. É impossível que tudo isso aconteça sem que haja uma transformação no gosto das pessoas. Em função disso, as poucas pessoas que

gostam de ler também passam a exigir da literatura formas que até então ela não apresentava” 39

38 - Antônio Callado e Rubens Figueiredo, “Entrevista”, in 34 Letras, Rio de Janeiro. N. 2, dez de 1988, p.22.

39 – Callado, Antônio. Op. Cit. pg. 16

Considerações finais

A partir da leitura e análise do material dedicado a crítica nos principais jornais baianos, e do estudo sobre os conceitos de crítica, de resenha e seu enquadramento no quadro teórico do jornalismo cultural e da comunicação, cheguei a constatação de que essa atividade, atualmente é exercida na maior parte das vezes por jornalistas que vinculados ao campo privilegiado da análise, tornaram-se competentes para esse trabalho. Embora isso não excluía de forma definitiva a atividade dos críticos literários com

formação no campo das letras. No jornal Correio da Bahia, por exemplo, tanto as críticas quanto as resenhas são elaboradas exclusivamente por jornalistas, enquanto que o jornal A Tarde, através do suplemento Cultural publicado sempre aos sábados, abre espaço para profissionais com formação em letras, sinalizando para o fato de que a mudança que ocorreu a partir da década de 30, quando o jornalismo atingiu escala industrial e ampliando seu público leitor, não aconteceu de forma radical a ponto de extinguir por completo a crítica estética, dedicada a apreender o sentido profundo das obras-de artes, situando-as num contexto histórico. Sem dúvidas a resenha é a atividade predominante no jornalismo, por ser mais simplificada e utilizar uma linguagem mais acessível ao grande público consumidor dos produtos da indústria cultural.

Fica comprovada a tese defendida por Afrânio Coutinho que toma como referencial o público dos dois gêneros: a crítica (gênero literário) dirige-se a “scholars”; a resenha (gênero jornalístico) dirige-se ao grande público. É necessário ressaltar que a crítica exige métodos, critérios e capacidade do crítico para julgar a obra a partir de pressupostos estéticos e valores artísticos, sem esquecer os limites da ética, enquanto a resenha não entra no campo do debate cultural, permanecendo a margem da obra, limitando-se a orientar o público para o consumo.

Bibliografia

AUGUSTO, Sérgio. O frenesi do furo. Bravo! São Paulo, outubro, 2000. Ano 4. N.37.

- ANTÔNIO, Callado e Rubens Figueiredo, “Entrevista”, in 34 Letras, Rio de Janeiro. N. 2, dez de 1988, p.22.
- ASSIS, Machado de. Crítica. Livraria Agir. Rio de Janeiro. 1959.
- BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance), quarta edição, Editora Unesp, São Paulo, 1998.
- BELTRÃO, Luíz. Jornalismo Opinativo. Porto Alegre, Sulina, ARI, 1980
- COUTINHO, Afrânio dos Santos. Da crítica e da nova crítica. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975, pg. IX e X.
- COUTO, José Geraldo. Jornalismo Cultural em Crise. In: Dines, Albert e Malini, Mauro (Orgs.). Jrn. Brasileiro: no caminho das transformações, Brasília: Banco do Brasil, 1996.
- ECO, Umberto, in: Viagem na irrealidade cotidiana, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- ERBOLATO, Mário. Jornalismo Especializado. São Paulo. SP. Ad. Atlas. São Paulo, 1981.
- FREDERICO, Sofia Pedreira. Crítica cultural e meios de comunicação, PEX 014, 1994.
- GUMES, Nadja Vladi Cardoso. De onde vem a cultura dos cadernos de cultura baianos, PEX 185, 1990
- MELLO, José Marques. A Opinião no Jornalismo Brasileiro. Petrópolis. Vozes, 1985. Pg. 98.
- MEDINA, Cremilda. A Notícia: um produto à venda. S. P. Ática, 1995.
- VASCONCELOS, Antônio Mário Dantas. “A Tarde Cultural” e a tradição dos suplementos culturais no periodismo baiano (a partir de final dos anos
-

50).

SANTANA. Affonso Romano de, Supl. Cult.: Situação ontem e hoje. Conferência no CCBB _ Rio, outubro/2000.
